

## RAÍZES ANTIGAS DA GEOGRAFIA BRASILEIRA \*

ORLANDO RIBEIRO

Universidade de Lisboa

Apenas o privilégio de poder usar nos nossos trabalhos a nossa língua comum me conferiu a honra de proferir, em nome de todos os colegas que colaboram neste curso, a sua aula inaugural. Quis o professor HILGARD O'REILLY STERNBERG inserir esta manifestação, seqüente ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, no conjunto das nossas atividades. De fato, o Congresso encerrou-se há quatro dias mas não terminou por isso os seus trabalhos. Numerosos grupos percorrem o Brasil em vários sentidos, sob a direção autorizada dos seus colegas brasileiros. Estes sete ficaram de serviço, porque se lhes pediu outra tarefa, procurando, em todo o caso, compensá-los com a promessa de outras viagens e investigações.

É para nós todos grande honra podermos trazer os resultados das nossas reflexões e das nossas pesquisas e contribuir assim, embora num ensino rápido e necessariamente apressado, para o extraordinário desenvolvimento que a Geografia está tomando neste país. Os congressos internacionais de Geografia, costumam, pelo encontro das suas figuras mais prestigiosas, pela natureza dos temas que aí se debatem, pelas discussões que suscitam, marcar uma orientação à ciência geográfica. Se compararmos os resultados do Congresso que acaba de encerrar os seus trabalhos com os dos Congressos anteriores, certamente não deixará de impressionar o papel cada vez mais amplo que a *Geografia aplicada*, a Geografia tomada como uma ciência subsidiária das técnicas do melhoramento das condições da terra e do homem, está tendo na vida moderna. Mas se, neste sentido, alguma coisa se pode ensinar ainda no Brasil, sobretudo nós muito temos que aprender aqui. Não se deve esquecer que o Brasil foi o primeiro país do mundo a criar uma carreira de geógrafo fora do ensino universitário e a utilizar grande número dos seus trabalhadores para auxiliarem, orientarem, acompanharem ou dirigirem as pesquisas de terreno que a sua incessante renovação torna necessária. Neste sentido, portanto, o Brasil é pioneiro de uma orientação que, quando começou a produzir aqui os seus primeiros frutos, mal se esboçava ainda em nações da Europa e na América do Norte.

O interesse destes estudos no Brasil, é, naturalmente, imenso e quase não vale insistir nêlo. A vastidão e a variedade do seu território, que abrange extensas áreas tropicais e subtropicais que carecem de ser desenvolvidas, a presença de terras velhas, que se contam entre as mais antigas que a colonização européia criou no mundo, e de terras novas, que esperam ainda os seus desbravadores e a sua valorização, a existência daquelas frentes pioneiras movediças que o professor MONBEIG evocou na sua tese, com a mais escrupulosa minúcia e com o mais fino sentido do pitoresco, fazem naturalmente do Brasil um país ideal para as investigações geográficas. País que tanto suscita problemas e sugere soluções para a interpretação do relêvo dos maciços cristalinos, que interessa particularmente a alguns professores do Curso, como formas novas e velhas da atividade e da ocupação humana, que interessam aos restantes; país que conserva ainda restos da sua paisagem vegetal espontânea, particularmente gratos à curiosidade do professor CARL TROLL, e orienta no sentido da pecuária parte da sua

\* Aula inaugural do *Curso de Altos Estudos Geográficos* realizado em agosto-setembro de 1956 pelo Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, da Universidade do Brasil, com a colaboração da *Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e patrocínio da Fundação Rockefeller*.

atividade econômica, tendência geral na América, à qual o professor DEFFONTAINES está dedicando atenção. Aqui, cada um de nós tem, e abundantemente, onde escolher segundo os seus próprios gostos.

O Brasil é, portanto, não há dúvida, um país ideal para geógrafos; mas se é um país ideal para geógrafos, o Brasil carece também, pela sua incessante renovação, pelo encontro de gente das mais variadas proveniências, pelo desenvolvimento industrial prodigioso, que faz com que os visitantes habituais, vindo cada dois ou cada três anos, não reconheçam a periferia de algumas cidades, ou certas paisagens industriais que conservaram na lembrança, o Brasil carece também de geógrafos. Um país para geógrafos, geógrafos para este país, geógrafos que têm, evidentemente, um grande papel em todas as aplicações da Geografia. Este é outro ponto que os resultados do Congresso também não deviam fazer esquecer: uma ciência vale pela contribuição que possa trazer aos problemas humanos, mas vale também porque mergulha as raízes naquela curiosidade do mundo e dos homens, que desde o tempo dos primeiros pensadores gregos alimentou os anseios de todos os homens de estudo. Neste sentido, não devemos esquecer que, para um país como o Brasil, poder dispor de uma equipe numerosa de geógrafos, a quem confie os problemas do seu planejamento, do seu desenvolvimento e valorização, é preciso que nas universidades a Geografia continue a ser cultivada de uma maneira desinteressada, como qualquer ciência, apenas porque serve às curiosidades mais íntimas do espírito humano, porque suscita a contemplação da natureza, porque prepara a análise das populações e das maneiras de viver, e porque coloca todos os que a estudam num ponto de vista amplo e elevado, de tolerância, de compreensão que, servindo os seus puros ideais, serve implicitamente ao convívio entre os homens e ao melhoramento de suas condições de vida. No fundo, quando lemos os velhos autores (e eu, que represento neste conclave a tendência da Geografia histórica, estou naturalmente indicado para o recordar) encontramos que nada disto é novo. Um geógrafo holandês dos meados do século XVII, BERNARDUS VARENIUS, que ainda escreveu em latim e nós consideramos o mais notável precursor da nossa ciência, já mostrou todo o interesse que a Geografia podia ter para os políticos, para os economistas, para os viajantes, para os homens que se ocupavam de coisas úteis ou necessárias, mas mostrou também que a Geografia correspondia a uma manifestação essencial do que ele chamava, e nós podemos continuar a chamar, "a dignidade do espírito humano". Esta dignidade do espírito humano que leva os homens a debruçarem-se, com curiosidade e reflexão, sobre o mundo físico e sobre o mundo humano que os cerca.

Realizando um trabalho desta natureza, continuamos passando de mão em mão a flama da Geografia, que os portugueses tornaram possível acender quando descobriram os caminhos do mundo, e para a qual concorreram as grandes nações modernas onde os nossos estudos são mais brilhantemente cultivados. É necessário, para que o Brasil possa possuir os seus geógrafos, que nas universidades se ensinem de maneira exata, precisa, as técnicas da análise regional que, desde a interpretação do relevo até a da ocupação humana, representam um aperfeiçoamento nas maneiras de conhecer aquilo que torna várias as regiões e as paisagens. Mas é necessário também que nos elevemos acima destas minuciosas técnicas de trabalho e não nos esqueçamos de que o geógrafo representa hoje, no panorama da vida científica contemporânea, o herdeiro daquela curiosidade universal dos homens do Renascimento: homem de ciência, pelo rigor da análise que emprega, mas de certo modo artista também, pelas cambiantes sutis que tem de manejar, por esta *arte* de composição, por certa maneira de *pensar em conjunto* fatos da terra e do homem, pelo *quid* artístico que o leva a associar formas da natureza e modos de vida para, através das suas relações, demarcar a fisionomia dos lugares, aquilo que os torna originais, ou em si, ou por comparação com outros.

Há pouco mais de quatro séculos e meio que o Brasil foi encontrado, quer dizer, que o Brasil foi integrado nas rotas que então se abriam nos mares de todo o mundo. Nesta altura, o Brasil fazia parte de um continente extremamente desfavorecido. A população não se elevara a nenhuma forma de organização política que permitisse, como por exemplo nos Andes incaicos, uma vasta organização do espaço. Praticava-se, na sua maior extensão, uma agricultura rudimentar — itinerante, nômade, que apenas marcava sobre a natureza um sinal fugidivo de presença humana. O primeiro europeu que viu o Brasil e o descreveu para o mundo, um simples escrivão da armada de PEDRO ÁLVARES CABRAL, PÊRO VAZ DE CAMINHA, referiu-se numa análise, minuciosa, às características fundamentais desta terra. Uma gente que vivia de maneira tão primitiva que, aos seus olhos, já enriquecidos com a experiência do litoral africano, parecia bestial, gente que “não tem idolatria nem qualquer forma de adoração”, jazendo num nível de civilização em extremo rudimentar: “êles não lavram nem criam, não há aqui boi nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão dêsse inhame (inhame era a palavra que ao tempo se applicava a mais esta planta nova, que também era uma raiz — a mandioca), que aqui há muito, e dessa semente e frutos que a terra e as árvores de si lançam”. Populações, portanto, vivendo de maneira mais selvagem do que os povos mais atrasados do litoral africano. Mas uma natureza que, desde início, atraiu fortemente os primeiros homens que a viram: grandes matas de belos arvoredos, águas abundantes, muito bons ares, qualquer coisa que ao fim da longa travessia evocava, para os primeiros portugueses que aqui pousaram os olhos, a verdura de Entre Douro e Minho, a mais mimosa das suas províncias; mas nada que recordasse as poderosas organizações políticas dominantes no gôlfo da Guiné, ou os ricos resgates de oiro e de marfim que aí se faziam, ou o primeiro contacto que, cêrca de ano e meio antes, se tinha estabelecido diretamente entre a Europa e o Oriente por meio do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. E assim, os primeiros mapas do Brasil, quando começava a desenhar-se a corrente de comércio que consistiu na exploração do pau côr de brasa que deu o nome à terra, figuravam apenas as numerosas araras e papagaios que impressionaram, pelo colorido e pelos seus gritos estridentes, os primeiros viajantes.

Mas se lermos com atenção a carta de CAMINHA, alguma coisa vemos mais que interessou vivamente a êstes homens. Êste simples escrivão representa bem a atitude que seria a da maioria da tripulação da sua armada. Aquilo que o interessou foram as mulheres da terra. Aquelas índias que andavam nuas pela praia e que êle se compraz em descrever com tôda a minúcia: “bem moças e bem gentis, de cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão carradinhas e tão limpas das cabeleiras, que de as muito bem olharmos não sentíamos nenhuma vergonha”. Há aqui um índice desta simpatia humana, desta ausência de preconceitos de raça com que, em tôda a parte do mundo, os portugueses souberam olhar para as mulheres de côr: ali as negras africanas que, não obstante terem os beiços deformados por ornatos, aos olhos dos marinheiros “pareciam bem”; além, as mulheres de Calicut, a que êles se referem de maneira displicente, porque estas, pelo contrário, eram “feias e de pequenos corpos”; aqui, as índias do Brasil, que dentro em breve, outro autor comparará, em formosura e elegância, às mulheres da rua Nova de Lisboa, que era uma espécie de rua do Ouvidor da capital do século XVI. Êste ponto parece-me importante e, sem antecipar o que desenvolverei no meu curso, recordo apenas que êle trouxe, para a organização do mundo moderno, conseqüências de uma importância incalculável. Se é certo que grande parte das raças de côr tombou sob o domínio dos povos coloniais na forma de escravatura, é certo que esta escravatura foi sempre, nas áreas de colonização portuguesa, mitigada por uma intensa simpatia humana, diria especialmente por uma intensa simpatia femi-

mina, que fazia com que as escravas passassem fãcilmente a um papel de senhoras secundárias — quem sabe se, às vêzes, as preferidas pelo coração e os sentidos! E se procuramos, de certo modo, a expressão ética do que representa esta forma de novos contactos humanos, encontramos-la no maior poeta português desta época e de todos os tempos, CAMÕES, que, nas “Endechas à Bárbara escrava” cantou esta nova forma de amor:

“Aquela cativa  
que me tem cativo,  
porque nela vivo,  
já não quer que viva,  
Pretidão d’amor,  
tão doce a figura  
que a neve lhe jura  
que trocara a côr”.

Poeta que abandona completamente os cânones do lirismo clássico, que preferia, naturalmente, a mulher alva e loira, para ceder ao encanto da escrava de quem êle se tornara servo.

A colonização do Brasil não é, nesta expansão dos povos ibéricos do século XVI, um fato isolado. Pelo contrário, ela insere-se, duma maneira extraordinariamente feliz, nas grandes viagens que até então se tinham realizado. Completara-se o périplo da África, em 1498 partia a primeira armada para realizar a primeira viagem de relação que até aí se fizera, o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, e foi a segunda armada, a de PEDRO ÁLVARES CABRAL, que, incidentalmente ou de propósito, tomou posse do Brasil. O Brasil aparece portanto, desde o início e aos olhos dos seus descobridores oficiais, como um ponto de escala nestas rotas marítimas. É ainda a carta de PÊRO VAZ DE CAMINHA que o menciona com tôda a clareza: “E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute isto bastaria. Quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé”. Portanto, na carta de PÊRO VAZ DE CAMINHA, no primeiro documento que, podemos dizer, contém notícias da geografia brasileira, encontramos, por um lado, a penúria da terra em recursos naturais, a pobreza da organização da sua humanidade, a curiosidade das araras que sobrevoavam as densas matas, mas encontramos, por outro lado, a forte atração das suas mulheres, o fato de o Brasil se encontrar nos caminhos da navegação do tempo, particularmente na rota da Índia, e a esperança de que aqui, como em tôda a parte onde os portugueses se estabeleceram, a mesma fé pudesse vir a irmanar os homens de tôdas as origens.

Não admira assim que, desde o início, o Brasil, a África e a Índia, apareçam estreitamente solidário. Cito apenas um exemplo, referido por GABRIEL SOARES DE SOUSA na sua preciosa “Notícia do Brasil” (1587), a respeito do fundador da primeira cidade que depois se haveria de desenvolver em Salvador: “Quem quiser saber quem foi FRANCISCO PEREIRA COUTINHO, leia os livros da Índia e sabê-lo-á e verá seu grande valor e heróicos feitos, dignos de diferentes descansos do que teve na conquista do Brasil, onde lhe coube por sorte a capitania da Bahia de Todos os Santos, de que lhe El Rei fêz mercê”. Conta depois a primeira fundação de uma cidade na Bahia, cidade que acabou com as incursões dos índios, com a destruição dos seus engenhos, depois de muitos anos de luta inglória e obscura dos seus primeiros povoadores. “Destá maneira acabou às mãos dos Tupinambás o esforçado cavaleiro FRANCISCO PEREIRA COUTINHO, cujo esforço não puderam render os Rumes e Malabares da Índia e foi rendido destes bárbaros; o qual não somente gastou a vida nesta pretensão, mas quanto em muitos anos ganhou na Índia com tantas lançadas e espingardadas e o que tinha em Portugal, com que deixou sua mulher e filhos postos no hospital”. É o quadro angustiado,

e que tantas vezes se havia de repetir, desta fidalguia portuguêsã que representava a *elite* nacional do tempo, que gostava de quebrar uma lança em África, se deixava atrair pelos fumos da Índia e depois investia todos os seus capitais, tóda a sua fortuna, tóda a sua energia, no Brasil nascente. O exemplo do fundador da primeira capitania da Bahia repetiu-se em vários lugares da história do Brasil. Com êle, outros fidalgos aqui chegaram cheios de dinheiro, que tantas vezes perdiam, e cheios de glória, que não os conduzia ao descanso mas a novas e arriscadas emprêsas.

A formação do Brasil está, portanto, intimamente ligada às grandes rotas do comércio e da navegação do século XVI, e é incompreensível se não fôr estudada dentro desta conjuntura histórica e geográfica. O Brasil foi, pouco depois do seu descobrimento, o maior produtor de açúcar do seu tempo. O açúcar veio do mundo mediterrâneo, onde fôra cultivado pelos árabes na Sicília, donde passara ao sul da Península Ibérica e daí ao Algarve; a sua cultura foi logo ensaiada na Madeira por ordem do Infante D. Henrique, daí passou aos Açores e às ilhas de Cabo Verde, e destes arquipélagos foi trazida para a Bahia e o Nordeste. A Madeira cabe, nesta transferência, o principal papel. O gado, lançado para refresco dos navios nas ilhas que, pela sua aridez, menos se prestavam à ocupação agrícola, as de Cabo Verde, passou também daqui às mesmas regiões brasileiras.

Dois modos de vida tradicionais e ainda perfeitamente vivos no norte do Brasil, por um lado a monocultura da cana de açúcar na área litorânea, por outro lado a vaqueirice das terras áridas do sertão, têm as suas raízes nesta época. No litoral, as lavouras de cana de açúcar constituíram-se graças ao trabalhador negro importado do litoral africano fronteiro, mas dentro de uma organização que foi a da colonização agrícola no sul de Portugal: a monocultura de trigo ou a criação de porcos e de ovelhas, que formam a parte essencial das grandes explorações agrícolas, das grandes fazendas latifundiárias, a que no Alentejo se dá o nome de "montes". A sede da exploração, a *casa do monte*, corresponde à *casa grande* do senhor de engenho; a clientela rural, constituída no meu país por uma classe de trabalhadores sem terra, está representada no Brasil tradicional pela senzala dos escravos. É, portanto, a projeção duma organização que já se tinha ensaiado com êxito no desbravamento das terras secas e cobertas de vegetação espontânea, a que chamamos "charneca" no sul de Portugal, que vai depois aplicar-se, em escala grandiosa, no litoral do Brasil. Por outro lado, o modo de vida do interior, êstes vaqueiros a cavalo, cavaleiros destros, que acompanham a boiada, que se vestem com seus trajos de couro para resistirem à agressividade dos arbustos espinhosos da caatinga, se pelo sangue são caboclos, quase índios puros ou pouco mestiçados, pelo modo de vida estão também fortemente tocados por esta influência estranha. É ainda GABRIEL SOARES que documenta como vieram à Bahia e a Pernambuco os primeiros cavalos e os primeiros bois através das ilhas de Cabo Verde. Estas ilhas, com as suas chuvas aleatórias, com a aridez que se estende sobre três quartos do ano, com as suas crises de penúria e de fome, com as "esterilidades" que recordam as secas do Nordeste, constituíram, de certo modo, para êste gado originário de Portugal, um campo de adaptação que permitiria fazê-lo triunfar das sequedões do sertão.

E é ainda dentro do Brasil tradicional que se encontra uma das cidades, ao mesmo tempo mais portuguêsã e mais africana, que em qualquer parte do mundo se pode ver. Refiro-me à Bahia, que, espero, depois dêste Curso, constitua o objeto de uma pesquisa especial. Cidade mediterrânea pela combinação de uma acrópole, dum lugar alto é fácil de defender, com uma enseada abrigada; cidade portuguêsã, com seus velhos e pesados sobradões, com suas igrejas revestidas de talha dourada, que tanto recorda as nossas cidades do norte, particularmente o Pôrto, mas também cidade africana, com a sua população fortemente mestiçada e com alguns recantos do Recôncavo — a sua enorme periferia rural

— que são quase uma réplica de paisagens agrárias que os negros do litoral da Guiné, agricultores por excelência num continente de camponeses, criaram nas suas terras de origem. A Bahia representa, para o geógrafo curioso destes contatos de civilizações, um dos lugares mais interessantes que se podem encontrar. Porque aqui, portugueses e negros, uns e outros fora do seu ambiente próprio, conseguiram uma interpenetração harmoniosa e fecunda das suas formas de vida tradicional.

Aberto assim o Brasil para os grandes caminhos oceânicos, não admira que êle recebesse na sua terra, plantas, homens, maneiras de viver, de origens tão diferentes; e que, por outro lado, espalhasse pelo mundo tropical grande parte dos produtos do seu solo. Recordarei apenas alguns exemplos: Os coqueiros que hoje ensombram graciosamente tôdas as praias do litoral tropical, exatamente como ensombram as praias da costa da Índia e que de lá vieram, por intermédio de Cabo Verde. O côco é conhecido pelos autores do século XVI que primeiro o descrevem como “noz da Índia”. Da Índia vieram ainda a jaqueira e a mangueira, esta que aqui se tornou, como no seu lugar de origem, árvore de chácara e de quintal, e se pode ver em todos os velhos morros do Rio de Janeiro. Do Brasil recebeu a África o milho e a mandioca, o cereal e o tubérculo que atenuaram a fome tradicional dos negros dêsse continente, em extremo desfavorecido em plantas alimentares. Do Brasil foram também a papaia e o caju, que hoje se encontram igualmente em África e no Oriente. Do Brasil e das Antilhas saiu ainda o milho, que não só se espalhou pelas áreas do mundo tropical, mas conquistou tôdas as regiões úmidas ou regadas do mundo mediterrâneo. O papel do milho na expansão portuguesa foi de primeira importância. As ilhas de Cabo Verde, descobertas em 1460, só saíram do marasmo em que jaziam, quando se encontrou um cereal que pudesse ser cultivado no período mais quente e mais úmido do ano. Foi a introdução do milho, aqui diretamente de origem brasileira, que permitiu o desenvolvimento destas ilhas, como foi depois a sua difusão no noroeste de Portugal, que assegurou à população desta área, em extremo prolífica, a possibilidade de resistir à penúria de cereais que se arrastava durante a Idade Média, de crescer, de aumentar e de alimentar uma das vagas emigratórias mais importantes, se a compararmos com a exígua população total do país de que procede.

Êstes imigrantes portugueses, que na sua forma popular e pitoresca todo o brasileiro conhece e, a seu modo, aprecia, constituíram no último meio século um contingente de cerca de milhão e meio, que representa um terço da imigração estrangeira, se estrangeira se pode chamar a imigração portuguesa neste país. Um autor brasileiro que especialmente se ocupou do assunto, FERNANDO CARNEIRO, divide a imigração em três fases: a primeira marcada pelos alemães, a segunda pela dominância dos italianos, a última pelo predomínio dos japoneses. Mas — são as suas próprias palavras — “correndo como um rio sereno por baixo destas trombas de água episódicas, está a imigração portuguesa que, sendo quantitativamente quase tão elevada como a italiana, representa um coeficiente de fixação ainda maior”. É hoje ainda o Brasil, apesar do recente desenvolvimento dos territórios portugueses da África Tropical, que continua a atrair cerca de metade da emigração do meu país.

Através destes exemplos, que não desejo alongar para não fatigar a vossa atenção, dei-lhes idéia do espírito que orienta êste Curso. Foi o professor HILGARD O'REILLY STERNBERG, excelente amigo com quem tive ocasião, algumas vêzes, de trocar estas gratas reflexões, que de certo modo teve a responsabilidade de incluir no Curso de Altos Estudos Geográficos, uma parte dedicada aos problemas de Geografia ilustrados através da História. Na circular que nos foi dirigida, pedia-se alguma contribuição no campo da Geografia histórica e pareceu-me que cabia a mim fornecê-la. Vou, portanto, com a colaboração, o auxílio, as luzes dos colegas brasileiros, procurar examinar, não como historiador, mas como

geógrafo, estas raízes antigas e, em grande parte também, estas raízes permanentes do Brasil. Vistas através da minha formação de mediterrâneo e de alguma experiência da África e do Oriente.

Muitos geógrafos que se ocupam de coisas humanas, deslumbrados, como é compreensível, pelas formas poderosas da técnica moderna, têm consagrado os seus estudos às transformações que agitam a rotina dos velhos mundos rurais, às novas formas de energia, à concentração das indústrias que ela torna possíveis, ao extraordinário desenvolvimento das cidades, de que o Brasil nos oferece, talvez no mundo, os exemplos mais impressionantes. É lícito, portanto, que outros continuem dedicando alguma atenção às formas tradicionais de viver, a esta escola de virtudes do camponês que se traduz por um apêgo entranhado à terra, às técnicas marcadas pelo arcaísmo, dependentes em larga parte do gosto e do jeito de quem as executa; modos de vida que não resistem ao embate do modernismo mas representam, em relação ao passado de que este mundo moderno procede, um dos seus elementos mais poderosos de estabilidade e de equilíbrio. Lembremos que a unidade do Brasil, a permanência desta colônia que se transformou em Estado quando o fruto estava maduro, dotada de uma unidade lingüística impressionante, moldada numa formação moral e espiritual que é a mesma dum extremo ao outro, não obstante a enorme contribuição que povos doutros lugares da Europa, do mundo mediterrâneo, e até do Oriente, têm dado ao seu desenvolvimento, assenta precisamente nesta base de quatro séculos e meio de história. Lembremos, por outro lado, que a formação do Brasil, a exploração das virtualidades deste continente sul-americano adormecidas até ao encontro dos grandes caminhos oceânicos, representam um dos exemplos mais eloqüentes duma vitória da nossa civilização, comum à Europa envelhecida e a estes novos países promissores, no ambiente em que, a princípio, lhe parecia mais hostil. O Brasil é a maior, a única grande nação branca do mundo tropical. Por nação branca eu não quero significar qualquer discriminação racial, que não existe aqui como em nenhum dos lugares onde os portugueses se estabeleceram. Quero significar apenas a universidade duma civilização que só o encontro destes caminhos tornou possível.

Pensam os geólogos que, no fim da era primária, existia, ligando a maior parte dos continentes do hemisfério sul, uma vasta extensão de terras unidas. A esta extensão dá-se o nome de continente de Gondwana. No princípio da era secundária, ou pela disjunção das massas continentais, ou porque se afundaram sob as ondas as terras que a reuniam, começou a separar-se esta unidade, que para sempre se perdeu como extensão contígua, em América do Sul, África, Madagascar, Índia, Austrália. Foram as navegações portuguesas do século XVI, foi a circulação de gente e de produtos desde Macau e Timor até à costa brasileira, que permitiram reencontrar a unidade do mundo tropical, fazendo que no Brasil crescessem as plantas da África e do Oriente, que no Oriente se encontrem as plantas do Brasil e que a África recebesse as de um e doutro lugar. A essas navegações deve ainda o Brasil, por intermédio das levas de escravos, um dos elementos importantes da sua civilização, fundindo-se ameríndios, negros africanos, portugueses da Europa e gente de toda a parte, neste extraordinário cadinho de povos, irmanados pelo mesmo espírito de tolerância, de compreensão, de cordialidade, de dignidade de viver, que faz a grandeza humana, só comparável à grandeza territorial deste imenso Brasil.